

OUTRAS CONCEPÇÕES DO BELO:

ENTREVISTA COM
KÁTIA POZZER

ALINE ZIMMER

Mestranda em Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharela em História da Arte pela mesma universidade (2018). Atua como mediadora desde 2019.

TATIANE IUNG

Graduada em Design de Interiores pelo Centro Universitário Metodista (2013) e no Bacharelado em História da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019). Atuou como Bolsista de Iniciação Científica PIBIC CNPq-UFRGS (2018-2019) junto à pesquisa Apagamentos da memória na arte: políticas espaciais e temporais, coordenada pela Profa. Dra. Mônica Zielinsky (PPGAV/UFRGS).

RESUMO

NESTA ENTREVISTA, Katia Pozzer, professora adjunta do curso de História da Arte e do Programa de Pós-graduação em História na UFRGS, apresenta seu contato com a arte durante a infância, bem como seus interesses que convergiram de uma gênese à outra, entre a Química e a História, disciplinas que seu olhar tangencia de maneira sutil. Partindo dos trânsitos entre memória e permanência, destaca o papel social de quem pesquisa História como agente principal na preservação do futuro de nosso passado.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino da história; História da arte no mundo árabe; Memória e patrimônio cultural.

ABSTRACT

IN THIS INTERVIEW, Katia Pozzer, assistant professor of the Art History course and the History Postgraduate Program at UFRGS, presents her contact with art during her childhood. She also talks about her interests that converged from one genesis into another, between Chemistry and History, disciplines that her gaze touches on subtly. Starting from the transitions between memory and permanence, she highlights the social role of those who research History as the primary agent in the preservation of the future of our past.

KEYWORDS

Teaching History; Art History in the Arab world; memory and cultural



FIGURA 1

Katia POZZERFotografia
Cortesia da
entrevistada

APRESENTAÇÃO

KATIA MARIA PAIM POZZER é formada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutora em História pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), com pós-doutorado pela Université de Paris X – Nanterre. Coordena o Laboratório de Estudos da Antiguidade Oriental (LEAO) e o projeto de pesquisa *Arte, História e Cultura Material: um estudo de selos-cilindros mesopotâmicos*, com o apoio da FAPERGS e da UFRGS.

Katia é professora adjunta do curso de História da Arte e do Programa de Pós-graduação em História na UFRGS. Atua na área de História da Arte Antiga e Medieval, com ênfase em História da Arte Oriental, em História Antiga Oriental e em Teoria e Metodologia da História. Publicou dezenas de artigos em periódicos especializados, capítulos em livros, trabalhos em anais de eventos e itens de produção técnica, além de cinco livros como autora e/ou organizadora. Participou de diversos eventos no Brasil e no exterior, onde recebeu oito prêmios e/ou homenagens. Entre 2000 e 2017, coordenou dez projetos de pesquisa.

Junto ao Bacharelado em História da Arte, ministra as disciplinas de História da Arte II (período medieval), Seminário de História da Arte do Islã e do Mundo Árabe, Seminário de Projeto de Graduação I, dentre outras, apresentando um novo olhar, “*um olhar estrangeiro*”, como ela mesma descreve, sobre a produção cultural oriental nos períodos antigo e medieval. Marcando sua forte presença desde o início do curso, semeia seu conhecimento a fim de colher novas pessoas interessadas em produzir pesquisas em sua área.

Muito mais do que um extenso currículo, a forma cativante e generosa de conduzir sua fala é o que atrai uma grande quantidade de discentes ao tema. Aspectos fundamentais em sua personalidade apresentam de forma afetuosa um objeto de estudo que, imerso em um ambiente conflituoso, se descola da tragicidade, ganhando autonomia.

Sobre seu percurso, a professora e historiadora destaca um conjunto de grandes mulheres que influenciaram suas escolhas desde a escola. Seu primeiro contato com arte, ladeado pela

infância simples, jamais poderia prever o caminho a ser trilhado. Seus interesses convergiram de uma gênese à outra, o caminho entre a Química e a História parecia dissonante, mas através de seu olhar as disciplinas se tangenciam de maneira sutil. Partindo dos trânsitos entre memória e permanência, Kátia destaca o papel social de quem pesquisa História como agente principal na preservação do futuro de nosso passado.

Esta entrevista foi realizada em 3 de maio de 2017, no contexto da disciplina Historiografia da Arte II, do curso de Bacharelado em História da Arte. Nesta transcrição¹, revisada em abril de 2019, optamos por fazer pequenos ajustes na grafia de alguns termos, a fim de alinhar a linguagem oral e escrita em favor da clareza textual.

ENTREVISTA

Na tua infância e adolescência, como era o contato com a arte?

É bom e é ruim ao mesmo tempo pensar... na minha infância e adolescência, a recordação que eu tenho de arte é da escola. Eu sou do tempo em que as pessoas não iam para a creche, as mães se ocupavam dos filhos. Então eu fiz o pré e depois eu fiz o primeiro ano, eu me lembro de desenhar. É mais isso. Tenho guardados ainda hoje meus primeiros desenhos da escola e a primeira vez que aprendi a escrever. Eu escrevi meu nome. Eu morava em Cachoeirinha, morava longe da escola, e tinha umas lombas grandes para subir e descer, todas de terra, e eu me lembro da última lomba que eu descia correndo para mostrar para minha mãe que eu tinha aprendido a escrever. Essa coisa de colorir é minha primeira lembrança relacionada à arte.

De que cidade tu és?

Eu sou de Porto Alegre, mas morei na minha infância muitos anos em Cachoeirinha. E a minha família era super pobre, nunca tive estímulo. Era pobre e não intelectualizada. Meu pai fez até o Ginásio, vocês sabem o que é isso? E a minha mãe nem completou o Ensino Fundamental. Não eram

1

Optou-se por manter o texto fiel, dentro do possível, ao registro oral. Por este motivo, alguns elementos da norma culta da língua portuguesa foram relativizados, em prol da naturalidade da fala.

peessoas intelectualizadas, não são, existem ainda hoje. Meu pai faz 90 anos² agora e minha mãe 80 daqui a pouco. Acho que a primeira vez que eu entrei num museu foi com a escola também. Isso é fundamental, esse subsídio da escola foi muito importante.

Tua formação acadêmica sempre foi na História, da graduação até o doutorado. O que te fez escolher a História como área de estudo e de trabalho? Por que a História?

Meu primeiro curso universitário foi Química, no qual não cheguei a me formar, mas fiz um tantão. E trabalhei como técnica química durante muitos anos. Mas acho que tinha a ver com o momento histórico de luta contra a ditadura. Eu tive toda uma militância política no movimento sindical e depois partidário. Por exemplo, na época, a greve no funcionalismo público era proibida, e eu era funcionária da universidade, de nível médio, era uma tecnologista, porque sou técnica química, fiz técnico em química durante quatro anos. Eu tive todo um envolvimento, sou fundadora da CUT, fundadora do PT, que hoje fez toda essa merda que está aí [risos], mas a gente sonhava com um outro mundo. Então essas coisas da conjuntura também, e achei um namorado novo, que hoje é meu marido, que me influenciou e era todo militante... Então, acabei perdendo o interesse pela química e querendo ir para a área de humanas, porque era onde se faziam as discussões. Na época, a ideia que tínhamos nas humanidades era trazer um aporte teórico para as discussões políticas, a gente se instrumentalizava, e eu busquei de certa forma isso. Fiquei um tempo perdida, um ano e meio talvez, sem saber qual curso. Na época fazíamos disciplinas em curso 2; na UFRGS tinha-se direito de fazer até duas disciplinas por semestre de um outro curso que não o teu. Então fiz disciplinas na História, na Sociologia, na Letras, fui passeando, e gostei muito da História, achei que era isso. Tive que fazer um novo vestibular, fiz cursinho de novo, e me formei velha, me formei com 30 anos na História. Quando entrei e sabia que era aquilo mesmo que eu queria, de cara me apaixonei pela História Antiga. Porque eu fazia umas disciplinas, mas era do meio para adiante no

2

O pai da professora Katia faleceu alguns anos após esta entrevista.

curso, as do início nunca tinha vaga sobrando. Depois que fiz o vestibular, sou barra 86 na História, eu fiz História Antiga I e eu enlouqueci, me apaixonei e decidi que era aquilo que eu queria fazer.

E teus estudos continuaram na França, depois da graduação. Como foi essa experiência?

Aqui eu fiz a licenciatura, mas fiz o bacharelado também. Meu TCC já foi em História Antiga. Eu trabalhei com textos mesopotâmicos traduzidos pelo Emanuel Bouzon³, professor do Rio [de Janeiro] que foi meu coorientador. Saí direto para fazer o doutorado, não fiz o mestrado. Eu já sabia que era isso e a experiência na França foi incrível, a minha vida é *antes e depois* da França. Eu fiquei cinco anos, foi bem difícil do ponto de vista acadêmico, porque de um lado eu não tinha a experiência do mestrado e como eu fui para essa área, eu tinha que ler os documentos originais. Tive que aprender a ler a escrita cuneiforme e aprender a língua acádica. Era aprender uma língua antiga semita pela gramática francesa. Tive que estudar muito a gramática francesa, voltar para estudar gramática portuguesa. Eu estudava sozinha, minha mãe me mandou um livro e tal para lembrar as coisas de gramática. Eu estudei muito e fiz uma apropriação da língua francesa muito boa, agora estou meio enferrujada, mas eu escrevia tri bem, escrevi minha tese inteirinha em francês, alguém revisou, mas fui eu que escrevi. Mas era bem duro, porque nunca tinha tido experiência. Eu cheguei a começar grego na graduação, mas acabei nem terminando a disciplina. Não tinha experiência em línguas antigas ou línguas mortas, e língua semita menos ainda. E no lugar onde eu tinha aula, no Centro de Pesquisa Gustave Glotz⁴, era o terceiro andar da escada C da Sorbonne. No primeiro andar, ficava o centro de estudos portugueses e brasileiros, e eu dizia “tô louca de vontade de parar no primeiro

3

Emanuel Bouzon ou Manuel Bouzon (1933–2006). Graduado em Filosofia (PUC-RJ, 1954) e Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 1958). Possui especialização em Assiriologia e História Antiga e pós-doutorado no tema. Atuou na área de História com ênfase em História Antiga e Medieval.

4

Grupo de pesquisa ligado ao Institut National d’Histoire de l’Art, ao Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e à Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne).

andar”, porque era tão difícil, se eu fosse estudar História do Brasil seria tão mais fácil! [risos]. Mas eu perseverei, foi uma experiência que valeu a pena. Do ponto de vista acadêmico, tu tens acesso às melhores bibliotecas, a um monte de gente do mundo inteiro que palestra ali e isso foi sensacional. E depois essa coisa da vida cultural... No meu tempo livre, o meu lazer com meu filho, porque fui com a família, com marido e filho, era ir para dentro do museu. Eu curti muito, foi bem importante.

Quais são tuas referências intelectuais, não só autores, mas talvez professores também, até mesmo da graduação ou da escola para despertar essa paixão?

Da escola, me lembro de uma professora de ciências, acho que da sétima série. E talvez meu interesse pela química tenha sido um pouco daí. Achava uma mulher maravilhosa, era final dos anos 1960, imagina: uma mulher independente, usava calça jeans, cabelo curto, batom e unha vermelha e fumava – era o máximo! Na faculdade, uma primeira grande referência foi a professora Loiva Otero Félix⁵, que é professora aposentada da UFRGS e que foi quem nos deu a disciplina de História Antiga Oriental e a Clássica também. Depois tiveram a professora Margaret Bakos⁶ o professor Sonhy, que dava História da Índia, mas sem dúvida a Loiva foi a cara que despertou um grupo de alunos que se dedicou e virou especialista nessa área. Depois o Emanuel Bouzon, esse que referi, da PUC do Rio [de Janeiro], que já é falecido.

E autores?

Uma pessoa que eu cheguei a conhecer na França, mas que já estava aposentado é o Jean Bottéro⁷, que era ainda talvez da

5

Loiva Otero Félix, doutora em História Social (USP, 1987). Atua na área de História com ênfase em História do Brasil.

6

Margaret Marchiori Bakos possui Pós-doutorado em História do Egito Antigo (University College London, 1988/89). Desenvolve pesquisas na área desde 1995.

7

Jean Bottéro (1914–2007), historiador francês. Assiriólogo e especialista em Antigo Oriente Médio. Vinculado à École Pratique des Hautes Études (EPHE), França.

segunda geração do grupo dos *Annales*⁸. Teve todo um grupo dentro da História Antiga que ele influenciou. Ele escrevia [sobre] história da Mesopotâmia de um jeito interessante e instigante. Ele trabalhava muito com literatura, trabalhava temas que ninguém trabalhava, como discutir o amor e a sexualidade, então rompia aquela coisa tradicional da história economicista ou política, muito árida; ele trazia essas coisas dos humores e do cotidiano. Ele ainda é uma referência para mim. Esses autores da história da arte eu cheguei muito recentemente, eu trabalhei com uma história da arte lá do mundo antigo, com especialistas da história antiga que se dedicam a estudar arte. É bem recente ter historiador da arte com a formação completa se dedicando a estudar a arte antiga. Uma que é referência e que eu uso muito, e que tem livros incríveis é a Zainab Bahrani⁹. Ela é uma historiadora da arte e arqueóloga iraquiana que trabalha nos Estados Unidos. É uma mulher incrível, com essa visão meio de dentro, de entender que o Iraque de hoje é herdeiro da Mesopotâmia. Ela é uma cara que trabalha muito com a semiótica, que eu sou meio avessa, eu acho muito complicado, mas através dela eu estou tendo uma outra aproximação.

Como tu chegas para dar aula? Como escolheste ser professora? Ou essa era uma opção que apareceu, como o professor Paulo Gomes¹⁰ sempre comenta, “que era o jeito que ele tinha para continuar estudando”?

Na verdade, acho que nunca me coloquei outra possibilidade que não essa. Quando eu comecei a trabalhar com pesquisa, com iniciação científica, na monitoria e tal, na graduação,

8

Movimento de renovação historiográfica do final dos anos 1920, encabeçado por Lucien Febvre e Marc Bloch em torno do periódico *Annales d'histoire économique et sociale*.

9

Zainab Bahrani, pesquisadora iraquiana e professora Edith Porada na Columbia University (Nova Iorque, EUA) nas áreas de Arte e Arqueologia do Antigo Oriente Médio e do Mediterrâneo Oriental, Teoria da Arte, Historiografia e filosofias de representação

10

Paulo César Ribeiro Gomes é professor adjunto em regime de dedicação exclusiva junto ao Departamento de Artes Visuais, no Instituto de Artes da UFRGS, trabalhando com os seguintes temas: arte no Rio Grande do Sul, arte contemporânea brasileira, crítica de arte, desenho e acervos artísticos.

já me dei conta que eu queria ser professora universitária. Tanto é que depois de terminar a História nunca fiz outra coisa. Nunca dei aula em escola e nem nada assim. Terminei o doutorado, voltei e fiquei lá na História, no Campus do Vale, com bolsa de recém-doutor, dando aula para a graduação e para a pós; depois fiquei 15 anos na Ulbra¹¹ e depois vim para cá. Era isso que eu queria fazer porque já tinha tido experiência profissional na área da química, e eu já vi o que eu não queria.

Como tu vê a conciliação entre a atividade de ensino e a atividade de produção intelectual? Como é ter a atividade de professora e a de pesquisadora andando juntas?

Isso é fundamental. A gente conseguir fazer a pesquisa na área que a gente se especializou, e nas disciplinas que a gente ministra é um ganho incrível, é um ganho para a gente, mas é um ganho para vocês, para os alunos. Eu tive o privilégio de poder fazer isso, pesquisar na área em que dou aula, sempre fiz isso em [História] Antiga e agora essa experiência desses três anos aqui na UFRGS com a arte islâmica, que era um outro mundo, em que eu tive que fazer todo um investimento intelectual, de estudar e comprar livro, mas eu estava com um projeto de pesquisa na área, as coisas casam. Tu aprendes, as coisas que tu descobres na pesquisa tu trazes para a sala de aula, esse é o ideal. O tipo de ensino que a gente merece, que o nosso país merece, que os nossos alunos merecem, é o melhor dos mundos. Eu acho que é assim que tem que ser, a gente não pode achar que tem que ser diferente disso.

Tu comentaste sobre teu grupo de pesquisa, e no Instituto de Artes tu tens um grupo muito numeroso e participativo também em eventos. Como orientadora, o que tu consideras importante na hora de orientar essas pesquisas da iniciação científica?

Eu tenho uma postura, e isso vocês até podem conversar com meus bolsistas, de dar liberdade intelectual para os alunos, o que para mim é uma coisa super importante. Claro,

11

Katia foi professora adjunta na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) entre 1999 e 2013 e é professora adjunta em regime de dedicação exclusiva na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2013.

tem o projeto de pesquisa, os alunos vão se integrar nesse projeto, mas eles têm uma liberdade de escolha para escolher subtemas, para fazer o seu recorte espacial ou temporal. Por exemplo, nessa experiência da arte islâmica, em que a gente trabalhava com um território tri vasto, as pessoas escolhiam: “Ah, quero trabalhar só com prédio religioso, com mesquita, no Iraque”. E outros queriam trabalhar com palácios no Afeganistão. Acho isso muito importante. A gente tem que acompanhar, incentivar os alunos a escrever, a apresentar trabalho, a fazer esse exercício, vai lá, monta um PowerPoint, faz um texto, te expõe, vai lá na frente, fica nervoso, dá dor de barriga, mas tu cresces muito, não é? Os alunos fazem, trazem, eu corrijo, sugiro caminhos, mas nunca digo “é assim que tu tens que fazer e não assim”, porque tem várias formas. Eu tento ter esse cuidado de deixar as pessoas livres. Porque eu acho que a gente se constitui enquanto pesquisador, eu fiz essa experiência e foi fundamental. A gente vai ganhando autonomia, segurança, e isso é um longo processo que vai sendo construído. Eu brinco que, quando a gente ganha um diploma, não é uma varinha mágica que nos transforma em pesquisadores ou professores, isso tem que acontecer e é um longo processo.

Como essa escolha pelas civilizações antigas e pelo mundo árabe aconteceu? Tu já tinhas comentado um pouco da professora Loiva da graduação...

Na verdade, era uma prática proposta pela professora Loiva, que é a gente ter contato com a documentação, com a fonte primária. Isso para mim foi a grande descoberta. Uma coisa é tu leres um trabalho historiográfico sobre um tema; outra coisa é ir lá e ler o Código de Hamurabi. E essa foi a primeira experiência da gente com fontes, ela fez um trabalho em aula de ler o Código de Hamurabi. Esses documentos, sejam eles textos ou imagens, revelam, para usar um termo cristão, a “*alma*” da civilização. Tu ires direto, fazer esse contato, te permite entender um monte, fazer ligações... O que me encanta nesse mundo antigo são as permanências. A gente tem muito mais permanências do que rupturas com o passado. E isso eu acho incrível, acho maravilhoso. Certa vez eu fiquei pensando: quando eu fazia Química, quando eu era

adolescente, eu dizia que queria fazer Química porque queria ser famosa e ganhar um Nobel de Química... Marie Curie era minha ídola. Na Química, eu acho que eu estava em busca da origem da matéria e, na História, eu estou em busca da origem da civilização, e acho que por isso eu fui para o mundo antigo, essa busca pelas origens me interessa. Montar uma disciplina e fazer uma pesquisa sobre o mundo islâmico, eu estava transitando no mesmo espaço geográfico, mas em outro período histórico, que seria um período intermediário, a Idade Média, entre o antigo e o contemporâneo. E foi muito revelador. Começa que a gente tem contato, eu estou tendo e os bolsistas também, com toda uma historiografia sobre história da arte islâmica que a gente não tem acesso em geral, que não chega no Brasil, que não tem em outras disciplinas. Estamos ali abrindo a cabeça, tem outras formas. É um papo completamente antigo e ultrapassado dizer que a arte islâmica é pobre, que é uma arte anicônica¹², sem gracinha, geometrizada e mais nada... Isso é quem não entende nada, raso, raso. Estamos tendo outras compreensões, por exemplo, tem um monte de historiadores que fazem a relação de que se não tivesse esse período islâmico, não tinha tido Renascimento. E isso é senso comum na historiografia internacional. Tu só tens o Renascimento italiano por causa dos árabes. E ninguém conta isso para vocês e nunca vão contar. Mas é essa coisa, tu atravessas o Atlântico e tu vais ler o que as pessoas estão fazendo no resto do mundo, isso é uma questão complementada, e aqui a discussão nem chegou ainda.

Porque tu achas importante estudar essa região e como tu vê a repercussão das pesquisas nesse campo no Brasil e fora dele?

A importância de se estudar isso hoje é maior do que nunca. Se a gente pensa todos os conflitos militares que estão acontecendo nessa região, em que tu tens uma tragédia humanitária sem precedentes, em número de mortos e em todas as outras coisas da desgraça de uma guerra. Além disso,

12

Uma arte não icônica, ou seja, sem representações materiais.

13

Organização jihadista islamita criada aem 2003 pós a invasão do Iraque.

tu tens um projeto “político” do chamado Estado Islâmico¹³ que é a destruição sistemática do patrimônio histórico, na verdade a destruição da memória de uma parte do mundo, e isso é uma perda inestimável se a gente pensa na arte e no patrimônio histórico mundial. Várias dessas cidades, desses sítios arqueológicos tombados pela UNESCO¹⁴ e que são patrimônio da humanidade e que foram dinamitados, destruídos. Estudar esses temas, trazer essa discussão, reavivar essa memória, trazer de novo essas imagens é fundamental para a preservação dessa memória. Porque o patrimônio em si já está sendo destruído e a gente aqui tem muito pouco a fazer. Em uma palestra que fiz sobre o que chamo de iconoclasmo contemporâneo, em relação ao Iraque e à Síria, eu terminei dizendo que nós somos responsáveis pelo futuro do nosso passado. A gente tem, enquanto historiadores e historiadoras da arte, uma função social a desempenhar e essa é uma delas: preservar a memória do passado. Porque é fundamental para tu entenderes o mundo de hoje, para pensar o que tu queres para o futuro, tu tens que ter as referências do passado.

O que tu pensas sobre a forma como os museus integram a arte produzida no mundo árabe?

Meu conhecimento sobre museus é, digamos, limitado. Eu nunca consegui ir para o Iraque, para a Síria, para o Irã¹⁵ ou para o Egito... Importantes museus desse mundo ocidental, da Europa, de Nova Iorque, e do lado mais oriental que eu fui, Istambul, eu conheci com a pesquisa que era de fotografar o acervo para criar uma iconoteca. Fiz um trabalho sistemático, de ir, visitar, fazer documentação fotográfica das peças, das etiquetas, alguma coisa eu consegui ir na reserva técnica. No Brasil, a gente praticamente não tem acervo disso, mas está para abrir um museu de arte islâmica em Curitiba, porque tem uma comunidade islâmica bem ativa no Paraná e estão

14

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

15

Entre abril e maio de 2018, um ano após esta entrevista, a Profa. Katia realizou uma viagem ao Irã e pôde conhecer in loco muitos sítios arqueológicos, museus, mesquitas e palácios da época aquemênida até o período contemporâneo.

montando. Em Paris, o Museu do Louvre, em 2012, inaugurou um departamento de arte islâmica, fizeram uma reforma e criaram todo um espaço físico incrível, lindo, maravilhoso para expor. São mais de 3 mil peças de arte islâmica expostas hoje só no Museu do Louvre. Tem o Instituto do Mundo Árabe¹⁶. Berlim tem um acervo incrível. Nessa minha experiência, acho que esses museus valorizam e têm consciência do papel de preservação desse acervo. Hoje damos graças aos céus que esse acervo está em um museu europeu e não está *in situ*, e não no Museu de Damasco, por exemplo, que não sabemos o que aconteceu, não sabemos a situação em que está¹⁷. Eles desempenham um papel fundamental de divulgação, algo que temos no Brasil de forma ainda incipiente, da questão de educação patrimonial voltada para crianças e adolescentes... Tu vais ensinando as pessoas a olhar, ensinando essa diversidade da cultura, ou como digo, essas outras concepções do belo. Tu rompes com essa hegemonia eurocentrista da arte, porque toda a tradição historiográfica está baseada na arte europeia, e como se essa fosse “a grande arte”, e o resto não. Esses museus têm um papel fundamental de reverter, de questionar, de virar de perna para cima esse conceito e dizer: “Olha, tem todo um outro mundo que é preciso conhecer, que é diferente, mas que é tão rico quanto o ocidental”.

Sabemos que muitas dessas obras chegam a esses museus de maneira não muito correta. O que tu pensas desse deslocamento das obras da sua região original? Porque isso gera um certo dilema, que não é só histórico e que tem outras questões envolvidas. Ao mesmo tempo em que essas obras foram retiradas/saqueadas, isso ajudou a preservá-las, como a *Porta de Ishtar*, que agora está no Museu do Pérgamo, entre tantos outros exemplos.

16

Institut du Monde Arabe (IMA) é sediado em Paris e foi fundado em 1980 pelos Estados membros da Liga Árabe junto com a França. O Instituto tem como objetivo refletir sobre a dinâmica atual do mundo árabe, a partir da criação de laços culturais e do diálogo constante entre os dois mundos. A instituição abriga museu, biblioteca, auditório, restaurante, escritórios e salas de reuniões.

17

O Museu Nacional de Damasco, na Síria, ficou fechado por sete anos devido ao conflito civil, no contexto da chamada Primavera Árabe. O Museu foi reaberto em 2018.

Eu não tenho uma relação ortodoxa em relação a isso, porque existia uma legislação internacional no século XIX, ainda quando começaram as primeiras escavações arqueológicas de caráter científico, que previa que a metade do acervo encontrado iria para os países que financiaram a escavação arqueológica. Essa era a regra vigente. Na época, isso não era ilegal nem imoral. Porque se não tivessem esses recursos, não teriam sido feitas escavações e não teríamos acessado todas essas obras. E claro que hoje tem toda essa questão de o patrimônio voltar para o seu lugar de origem, para que as populações consigam se apropriar. Eu acho que a gente precisa nuançar isso, não é uma história de mocinhos e bandidos, e esse evento do Estado Islâmico mostrou que foi fundamental que essas obras estivessem em museus fora daquele espaço geográfico porque houve uma política de destruição sistemática, né? A *Porta de Ishtar* mesmo, se estivesse em Babilônia já não existiria mais, então que bom que ela está lá no Pérgamo. Outro dia fiz uma conversa sobre isso com um professor que trabalha com arqueologia indígena. Uma professora disse que tem um manto Tupinambá incrível, e que hoje só existe uma peça preservada em um museu da Dinamarca¹⁸. Aí tu ficas assim: “Ah, então para estudar esse manto tem que ir para a Dinamarca? Ou então conseguir documentação fotográfica?”. Daí eu proponho o outro lado da moeda. Os dinamarqueses pagam impostos e com esses recursos eles mantêm esse manto Tupinambá, eles estão pagando para a conservação desse manto que não tem a ver diretamente com a história deles, mas eles se sentem também herdeiros dessa história mundial. Para mim, é um pouco isso. Esses grandes museus são todos museus públicos – tem que pensar isso –, não são museus privados, são museus mantidos com recursos dos impostos da população. As pessoas acham que é justo que elas paguem para preservar esse acervo que vem de um lugar tão distante, um lugar que muitas vezes ninguém vai colocar os pés, porque eles dizem que isso é patrimônio da humanidade, se a gente pode contribuir para preservar, por que não fazer isso? Eu acho que tem esse outro lado, sabe?

18

O manto Tupinambá encontra-se no Statens Museum for Kunst em Copenhague, Dinamarca.

Comentamos muito agora a respeito dos conflitos que acontecem nessa região do globo, mas a gente sabe que a história não se resume a isso. Ao estudar vemos a riqueza da arte e dessa região geográfica, que não deve se limitar somente a esses conflitos. Assim, queremos te perguntar se tu acompanhas as produções artísticas atuais, e não só nas artes visuais.

Bem pouco. Eu brinco que a arte contemporânea para mim é como álcool, tem que consumir com moderação *[risos]*. Não é sempre que me inspira e interpela, eu acho que algumas coisas são muito legais, artistas que são geniais e alguma coisa que eu vi de arte contemporânea desse mundo árabe e islâmico que é muito interessante, porque as pessoas usam linguagens contemporâneas, mas tratam de temas, e de novo da questão da permanência, que estavam presentes nesta arte desde o princípio. Uma obra que vi exposta no Instituto de Mundo Árabe de uma artista libanesa¹⁹ que não lembro o nome, e ela tinha uma obra que era um livro de artista, exposto do lado de um exemplar do Alcorão, porque a inspiração dela para fazer um livro de artista era o Alcorão, porque tem toda a questão decorativa da página, eles têm um tratamento incrível para fazer uma página: tu tens guache, pintura a ouro, faz toda uma moldura geometrizada com aqueles arabescos vegetais para inserir lá suras, versos corânicos no meio. Isso é tão forte na cultura, que ela que se diz uma artista que não é religiosa, ela está ali dialogando com isso, se exprimindo do jeito dela, com uma técnica contemporânea. Tem umas coisas muito legais, tem todo um grupo que continua trabalhando com a questão da caligrafia como arte mesmo. Para mim, o interessante é esse diálogo do passado com o presente.

Como tu vê tua produção intelectual até aqui? Tu revisas ou manténs os mesmos pontos de vista?

19

Etel Adnan (Beirute, 1925 – Paris, 2021) foi poeta, escritora e artista visual. Graduada em Filosofia pela Sorbonne (Paris, 1949), segue para os Estados Unidos da América em 1955, onde dá continuidade aos estudos de Filosofia na University of California (Berkeley) e em Harvard (Cambridge). Possui livros publicados em árabe, francês e inglês. A obra referida é *Zikr* (invocação de Deus), de 1978, feita com grafite, aquarela e tinta sobre caderno japonês.

Eu sou um pouco crítica, não sou completamente contente. Eu sempre acho que deveria produzir mais. Para fazer essa relação com o Paulo Gomes sobre ser professor, é que estamos sempre aprendendo. Para mim, também tem essa relação: eu gosto de ensinar porque gosto de aprender. Minha postura é essa. Na História e na História da Arte, não existem verdades definitivas. Não tem. A gente tem que estar sempre aberta para críticas, para outros olhares, para trabalhar com outras metodologias, outras perspectivas. Acredito que estamos sempre aprendendo e que podemos aprender mais. Tô aqui e boto um grãozinho de areia. Minha produção é um pouco isso. A ideia de escrever é partilhar o que estamos aprendendo, nossas reflexões, nossos questionamentos.

Com toda tua trajetória até aqui, tu te vêes como uma historiadora da arte?

Não. Me vejo como uma historiadora que trabalha com História da Arte. [...]. Acho que até tem colegas ali, nenhum professor é formado em História da Arte, mas certamente muitos professores são muito mais historiadores da arte do que eu. Eu me aproximo. E hoje isso já não me incomoda, tenho um papel a cumprir dentro do curso que é trazer esse olhar estranho, estrangeiro, de outras temporalidades, desse mundo oriental. Eu estimulo, jogo sementinhas para isso, se eu conseguir fazer isso já está de bom tamanho.

Nossa última pergunta é: que recomendação tu farias a um jovem historiador da arte?

Que difícil, dar conselho é muito difícil. Acho que a recomendação que eu daria é a mesma que daria para qualquer pessoa que está em processo de formação: tentar fazer o melhor sempre, conseguir identificar o que vocês mais gostam e fazer isso. Para mim, é fundamental ter prazer no que se faz, no que se trabalha, sem prazer não vai. Identificar qual a área de interesse e se jogar de cabeça. Acho que a gente consegue ser feliz assim. O trabalho é um aspecto fundamental na vida da gente, a gente cria identidade através dele, então tu teres o reconhecimento do outro, dos pares,

dos alunos, se o que tu estás fazendo está sendo bem feito não há contracheque que pague. Eu sou muito feliz na minha escolha profissional e me acho super privilegiada. Para mim é fundamental estar inteira e feliz no que está fazendo.

REFERÊNCIAS

BAKOS, M. M. **Currículo do sistema de currículos Lattes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7246907329737558>>. Acesso em: 06 maio 2017.

BOUZON, E. **Currículo do sistema de currículos Lattes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0779979932413246>>. Acesso em: 06 maio 2017.

COLUMBIA UNIVERSITY. Department of Art History and Archeology. **Zainab Bahrani**: Edith Porada Professor of Ancient Near Eastern Art and Archaeology. Disponível em: <<http://www.columbia.edu/cu/arhistory/faculty/Bahrani.html>>. Acesso : 06 maio 2017.

ETEL ADNAN. **About**. Disponível em: <<http://www.eteladnan.com/>>. Acesso em: 08 maio 2017.

FÉLIX, L. O. **Currículo do sistema de currículos Lattes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2094635028936944>>. Acesso em: 06 maio 2017.

INSTITUT DU MONDE ARABE. **History**. Disponível em: <<https://www.imarabe.org/en/missions-operations/history>>. Acesso em: 06 maio 2017.

JEAN BOTTÉRO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Bott%C3%A9ro>. Acesso em: 06 maio 2017.

POZZER, Katia Maria Paim. **Currículo do sistema de currículos Lattes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9408053472324588>>. Acesso em: 06 maio 2017.